

A PEDRA E A TORRE: OS CRISTIANISMOS DE PEDRO E MARIA MADALENA

William Alves Biserra (UnB)

Em Dezembro de 1945, um camponês egípcio chamado Muhammad-Ali Al-Samman, saiu com seus irmãos para procurar fertilizantes para sua plantação. Depois de andarem um pouco, encontraram uma terra boa para este fim, perto do vilarejo minúsculo de Nagi-Hammadi. Começaram a cavar e, de repente, encontraram a boca de um grande vaso de cerâmica vermelha, continuaram cavando e viram que o vaso tinha mais de um metro de altura. Inicialmente Muhammad não soube o que fazer, pensou que talvez ali houvesse ouro e quis quebrar o vaso, mas ficou com medo de que houvesse dentro um Djin (um gênio do mal). Por fim, sua ganância venceu seu medo e, com uma picareta, ele quebrou o vaso. Imediatamente espalharam-se pelo chão mais de trinta volumes de papiro encadernados em pele de carneiro. Muhammad ficou desapontado, quis deixar os livros lá, mas levou-os para casa. Como não sabia ler, não tinha idéia do que se tratava, jogou os papiros em cima da palha que era usada no fogão a lenha. Sua mãe, Umm-Ahmad, disse depois que utilizou muitas daquelas folhas para acender o fogo. Muhammad e os irmãos foram logo em seguida presos por assassinato, pois seu pai havia sido morto recentemente e eles o vingaram matando o assassino. Na cadeia, eles comentaram sobre os livros. Começava então uma das maiores corridas da arqueologia moderna, o governo egípcio, fundações internacionais de pesquisa e traficantes do mercado negro travaram uma longa batalha pelos códices. Até que a fundação Jung, de Zurique, e o governo egípcio, por meio do museu copta do Cairo, conseguiram reunir todos os volumes restantes. Depois disso um grupo internacional de estudiosos foi selecionado para fazer a tradução dos textos, finalmente, em 1978, o trabalho foi concluído e publicado com o título : *The Nag-Hammadi Library (a biblioteca de Nag-Hammadi)*. Um ano depois, um dos tradutores, Elaine Pagels, publicou um estudo basilar sobre o movimento e os textos gnósticos: *Os evangelhos gnósticos*, estas duas obras são fundadoras dos estudos acadêmicos modernos sobre o gnosticismo e são uma importante fonte para as discussões sobre o tema.

Apesar de Muhammad e sua mãe dizerem que muitas páginas foram queimadas ou rasgadas, o que chegou até nós é sem dúvida impressionante, são mais de 52 textos. A biblioteca de Nag-Hammadi, modo como se convencionou chamar o conjunto dos códices, data de + ou – 350 D.C., no entanto, nenhum dos manuscritos é original, são todos traduções cujos originais já existiam há, estima-se, pelo menos 200 anos. Os códices estão escritos em copta, língua muito falada por todo o Egito durante a antiguidade tardia e ainda hoje utilizada na liturgia dos cristãos de São Marcos, ou coptas, e por populações locais. Os originais foram provavelmente escritos em grego koiné por volta do ano 150 D.C. A datação das traduções de Nag-Hammadi não gera muita polêmica, no entanto a dos originais é muito controversa. Ninguém os põe depois do século II, mas muitos estudiosos, como o professor Helmut Koesterⁱ e Elaine Pagels sugerem que eles talvez datem da segunda metade do século I “ tão antigos, ou mais, que os evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João”ⁱⁱ.

Sabe-se que os evangelhos canônicos foram escritos num período compreendido entre 70 e 110 D.C. Não havia entre eles um desejo de coerência e muito menos se pensava em criar um texto só, unificado para todos os cristãos. Escrevia-se por necessidades particulares e improvisadamente dentro das limitações de cada comunidade. Vale lembrar que a taxa de analfabetismo em Roma, para pegar como exemplo a capital do império, variava entre 85 e 90%, estimam os historiadores.ⁱⁱⁱ Nestas condições, e dada a premissa de que o cristianismo em seus primeiros dias é um movimento da plebe, das classes mais baixas, como confiar no que foi escrito? Eles sabiam escrever? Poder-se-ia dizer que o judaísmo sempre pregou a alfabetização, pois era uma religião do livro e os homens tinham de ler na sinagoga. Na verdade as taxas de analfabetismo e a conseqüente exclusão da leitura dos textos era igualmente grande, daí a necessidade das leituras públicas por parte dos poucos que podiam realizá-la. Havia no início do movimento cristão, na fase pré-paulina, pessoas medianamente esclarecidas, como Mateus e Nicodemos, mas um cobrador de impostos só precisa saber contar e do sacerdote Nicodemos, se algo ele escreveu, nada chegou até nós.

Muitos então usavam o serviço de escribas que atuavam como secretários, com bem menos fidelidade textual que secretárias (os) modernos teriam. Quando, mais tarde, alguns textos tem de ser repassados a outras comunidades entra em cena um dos personagens mais problemáticos o copista. Vale lembrar que nenhum dos manuscritos evangelicos que temos são originais, são todos cópias, algumas bem posteriores. O que isso tudo tem a ver com os gnósticos? Isto é muito importante para os gnósticos porque é neste momento que começam a nascer as tradições paulina e petrina que depois se uniriam em Roma para gerar o que chamamos de ortodoxia. E é exatamente esta ortodoxia que irá, em nome da unidade da cristandade, abafar vários cristianismos nascentes, entre eles, o gnosticismo. Voltando aos copistas, quem eram eles e o que podem ter feito? O copista pagão mais comum era um escravo, liberto ou não, semi-alfabetizado, capaz de decifrar os símbolos gráficos, mas raramente com leitura fluente, a noção de pontuação não existia, usava-se a *scripto continua*, na maioria das vezes TUDO ERA ESCRITO JUNTO E EM MAIUSCULAS SEM NENHUM TIPO DE PONTO OU AÇONEMACENTO. O que gerava sérios problemas não só de leitura, mas de interpretação. Tomemos por exemplo a frase em inglês GOD IS NOWHERE, isto pode ser lido como God is nowhere (Deus não está em lugar nenhum) ou God is now here (Deus está aqui agora). O escravo copista, às vezes, nem sabia do que se tratava o manuscrito que copiava, e não se interessava. Terá sido o mesmo com os cristãos? Ouçamos o teólogo Bart Ehrman:

“...As pessoas que reproduziam os textos por todo o império não eram, normalmente, aqueles que queriam os textos. Os copistas, em geral, reproduziam os textos para outros. Uma das mais importantes descobertas recentes sobre os primeiros copistas cristãos, por outro lado, é que com eles se dava exatamente o contrário. Depreende-se que os cristãos que copiavam os textos, eram aqueles que os queriam- Isto é, eles

copiavam os textos ou para uso pessoal e/ou comunitário ou o faziam para benefício de outros...em suma eram simplesmente pessoas minimamente letradas da comunidade cristã que podiam fazer cópias e queriam fazê-las.” EHRMAN, 2006: 60

Poderiam estes copistas ter alterado o texto, não simplesmente por não saberem escrever,^{iv} mas por questões pessoais e doutrinárias? A resposta é sim. Vejamos o que diz um padre do século III, um dos maiores teólogos do início do cristianismo, Orígenes, sobre isso: “ As diferenças entre os textos se tornaram gritantes, ou pela negligência de algum copista ou pela audácia perversa de outros; ou eles descuidam de verificar o que transcreveram, ou no processo de verificação, acrescentam ou apagam trechos como mais lhes agrade.”^v A quantidade de textos circulando e o medo de alterações pelos copistas era tanta que, por volta do ano 110 D.C., o autor do Apocalipse segundo João diz:

“Eu atesto a todo o que ouvir as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro dessa profecia, Deus lhe retirará a sua parte da vida e da cidade santa, descritas neste livro.”^{vi} O desejo do autor, seja quem for, é sem dúvida o de evitar alterações fraudulentas feitas por copistas ao seu manuscrito. Esta ameaça só faria sentido se o copista fosse cristão, um copista pagão, se entendesse o que estava escrito, dificilmente se amedrontaria com estas linhas.

Dentre os vários grupos e interpretações havia um que buscava a gnosis (*γνωση*) em grego, conhecimento. O gnosticismo, tal se chamou este pensamento, seria então um movimento fundado sobre o conhecimento, mas qual conhecimento? Não o conhecimento terreno, mas o espiritual. Era isto que traria a salvação. Não a morte de Cristo na cruz, por que diziam que ninguém pode ser salvo pela morte e sofrimento do outro. O sofrimento é um mal, uma indignidade, não deve ser encorajado como método de salvação. Com isto tornavam o sacrifício da cruz desnecessário. O que salva é conhecer a si mesmo através da mensagem do Cristo, o que salva é a mensagem, não o mensageiro. Por isso eles também não aceitavam a ressurreição física. Para eles ela era uma mera alegoria, uma metáfora da verdadeira ressurreição espiritual que aconteceria quando o neófito alcançasse a gnosis. É um movimento incrivelmente complexo e multifacetado que divergia da nascente ortodoxia em vários pontos. Vejamos alguns dos principais:

O criador do mundo não é um deus bondoso e a queda e o pecado não são culpa da mulher. O evangelho de Maria Madalena diz textualmente “ Não existe pecado”.^{vii} A criadora do universo é Sophia, esta sim imensamente sábia e bondosa. Repleta de amor, Sophia criou sua primeira filha: a vida, depois o amor e ,por último, para administrar a criação, ela criou o demiurgo, IAWH. Os filhos de sophia são chamados Eóns, o deus de Israel é um dos eóns, o caçula. Sua mãe o infundiu de energia e ele criou nosso mundo, por isso o mundo é imperfeito, por que é obra de um deus iniciante. Ele passou então a se orgulhar do que havia feito, arrogante achou que o fizera sozinho e “ era até ignorante da própria mãe”^{viii}. Ele passou então a criar seres inferiores, imperfeitos, a humanidade. Isto entristeceu sua mãe que se retirou

para o mais alto céu. Ele ,então, com ciúme de sua mãe e sua irmã disse “ Eu sou Deus e não há outro além de mim”^{ix}. Assim diz o *evangelho secreto de João*: “...*Ele disse “ eu sou um deus ciumento, e não há nenhum outro senão eu”.*Mas ao anunciar isto indicou a existencia de outro deus, pois se não houvesse outro, de quem ele teria ciúme?...Então a mãe começou a ficar angustiada”^x. Outra fonte gnóstica, Justino, diz: “ O demiurgo ao se tornar um espírito arrogante, vangloriou-se de todas as coisas que estavam abaixo dele e exclamou: “ eu sou o pai e deus e não há ninguém acima de mim”, mas sua mãe, ouvindo-o falar assim, gritou com ele: “ Não minta! *Ialdabaoth...*”^{xi} outros textos gnósticos, como a *Hipostáse dos arcontes* mostra uma discussão entre a mãe, Sophia, a primeira filha Vida (zoe) e o demiurgo, chamado de menininho, *ialdabaoth*, deus cego (ou deus dos cegos) *samael* e burro/tolo, *Saklas*:

“Ele se tornou arrogante ao dizer: “ sou eu o Deus e não há outro além de mim”...E uma voz surgiu da altura do reino do poder absoluto, dizendo: “ Você está errado, Samael”. E ele disse: “Se existe algo além de mim, deixe que apareça para mim!” E Sophia, imediatamente estendeu o dedo e introduziu luz na matéria, e ela o seguiu até a região do caos. Ele disse mais uma vez a seus frutos: “ eu sou o deus da totalidade” e Vida, filha da sabedoria, gritou e disse a ele: “Você está errado, Saklas.” (The Nag Hammadi Library: 336)

Este é, em resumo, o mito de criação gnóstico. Havia variações, sem dúvida,^{xii} mas a base do relato era a mesma. Podemos imaginar, apenas pelo gênesis, quão perturbadoras não devem ter sido estas idéias para a ortodoxia nascente. É uma narrativa incrivelmente diferente da tradicional. Primeiro, Deus é mulher, Sophia, a sabedoria, a mãe universal. Segundo, aquele que os cristãos consideravam o deus supremo e pai de Jesus, nem era deus supremo, nem pai de Jesus. O deus de Israel é categoricamente chamado de burro- saklas- e aqueles que acreditam nele de cegos –samael, deus dos cegos. Ele é um deus caçula e imperfeito, com mania de grandeza, cuja obra-prima, o mundo, foi muito mal feita.

. Os gnósticos diziam serem herdeiros dos ensinamentos secretos que Jesus passou a alguns apóstolos escolhidos, especialmente Tiago, Marta e Maria Madalena. Dos três apóstolos dos quais eles alegam provir, dois são mulheres e, exatamente por isso, não são consideradas apóstolos pela ortodoxia. De todos ,a mais importante era Madalena. Ela era considerada por eles como a mais iluminada dentre os discípulos, porque teve a graça de ser a primeira a ver Jesus ressuscitado e recebeu dele os ensinamentos arcanos. Ela é para eles o modelo de discípula, são muitos os textos gnósticos que a apontam como figura de destaque entre os apóstolos, ela os encoraja, ensina e corrige. Ela é chamada de mestra e martíria (Μαρτυρία) ,que quer dizer testemunha, apóstola. É ela quem mais faz perguntas ao cristo ressuscitado, tanto que em determinado momento Pedro diz : “Senhor, mandai que Maria se cale para que nós também possamos perguntar”^{xiii}. O principal documento que temos sobre como os gnósticos a viam é um manuscrito encontrado em Nag-Hammadi: O evangelho

gnóstico de Maria Madalena. Este evangelho é conhecido através de duas outras fontes, no original grego. Infelizmente ambas estão severamente danificadas e a tradução copta encontrada no egito é a maior versão que hoje se possui. Ele pode ser dividido em três partes: 1- Os ensinamentos de cristo para todos os apóstolos, 2- A visão de Maria e 3- a discussão entre os apóstolos e o final. Embora o evangelho leve apenas o nome de Maria, os estudiosos são quase pacíficos em dizer que se trata de Madalena. Pois caso a Maria mencionada fosse a mãe de cristo, este parentesco teria sido mencionado ou ao menos levemente aludido durante o texto, além do mais , a julgar por outras fontes da época (como os Atos dos apóstolos) a mãe de Cristo era já uma senhora muito querida e respeitada dentro da comunidade cristã, nem mesmo Pedro a trataria com a grosseria demonstrada neste evangelho.

Entre muitas outras coisas, pode-se perceber nesta obra uma grave e séria crise política. Duas são as tradições presentes neste Evangelho. Alguns diriam dois cristianismos: A pedra e a Torre. Pedro foi chamado por cristo de pedra, sobre a qual ele construiria sua igreja^{xiv}. (Mt 16:18) O nome de Madalena tem duas origens, muitos dizem que viria de sua cidade natal, a pequena vila de Magdala, à beira do lago Tiberíades. Outros dizem que ela não poderia ser de Magdala porque a vila de Magdala só iria existir 100 anos depois. Seu nome é interpretado como um título. Assim como Pedro é rebatizado e chamado “a pedra”, Maria é rebatizada como “A torre do rebanho מגדולֵדֵר ,Migdol-eder,em hebraico e em grego μαγδαλενε)^{xv}. Assim como a pedra dá solidez, a torre dá luz, proteção e orientação. Além disso, um título é uma missão, como a torre do rebanho, os gnósticos achavam que Madalena deveria ser para eles uma estrela norte, guia e porto seguro, modelo de discípula e pastora que os levaria ao aprisco verdejante do bom pastor. Pedro discute seriamente com Madalena e não consegue aceitar que uma mulher possa falar em público, ensinando os homens. Ele crê que as coisas sempre foram assim e seu pensamento misógeno é o mesmo que se encontra em 1 Timóteo 2 :11-12: “Durante a instrução a mulher fique em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que mande no homem. Ela fique em silêncio”. A arqueologia moderna prova que todo este desejo de submissão só existia porque as mulheres tinham um papel de liderança na igreja primitiva. Não faria sentido proibi-las de ter autoridade se elas não a tivessem.



(Figura 2) Uma mulher com véu reza com as mãos levantadas, século III, cubiculum de Velatía, catacumbas de santa Priscila, Roma. Fonte: TORJESSEN, Karen Jo. When Women were priests, San Francisco CA, Harper, 1995 e <http://www.womenpriests.org/gallery>



Uma mulher parte o pão celebrando a eucaristia. Pelas roupas e cortes de cabelos, Presume-se que a maior parte dos participantes seja de mulheres. (Figura 1). Início do século III, capela grega das catacumbas de Santa Priscila, Roma. Fonte: TORJESSEN, Karen Jo. When Women were priests, San Francisco CA, Harper, 1995 e <http://www.womenpriests.org/gallery>

Há nas catacumbas de santa Priscila, em Roma, uma imagem (fig 2) de mulher orante, com as mãos elevadas, ela é identificada como “Theodora Episcopa”, feminino latino de episcopus- bispo. Tratando esta imagem como “monumento”^{xvi}, encontramos nela um traço elucidativo, um detalhe aparentemente pequeno, o “a” de “episcopa” está raspado e danificado,^{xvii} indicando que alguém tentou, ao menos é possível supor, se livrar do inconveniente de ter uma mulher bispa. Isto nos abre a possibilidade para descortinar a tentativa de apagamento de outras Theodoras, cujo número exato não podemos dizer, mas cuja existência foi quase certa. Há outros indícios, pinturas e epitáfios. Na ilha Grega de Thera uma mulher Epiktas é chamada de presbítera^{xviii}. Nas mesmas catacumbas de santa Priscilla, há um afresco, do início do século III, (figura 1)^{xix} representando uma celebração eucarística, no centro da cena está uma mulher, partindo o pão e presidindo à reunião, pelas roupas e cabelos percebe-se que a maioria dos participantes são mulheres. Em outro afresco retratando uma celebração eucarística^{xx}, cuja data não está explicitada e encontrado nas catacumbas de São Pedro e São Marcelino, vemos uma mulher segurando o cálice no alto e passando o pão, o que leva a crer que ela esteja presidindo a celebração. O que chama a atenção, entretanto, é o olhar de espanto lançado por um homem que recebe o pão da mulher, uma interpretação possível é a de que ele está surpreso com ela, por que? Talvez por que ela esteja presidindo. Tomemos esta possibilidade, já que o indício aponta muitas vezes, ela ilustra bem o processo de entrada, liderança, exclusão e apagamento das mulheres na igreja primitiva. Em algumas pinturas as

mulheres presidem as celebrações normalmente, em outra, já se percebe resistência ao que antes era normal. A redescoberta e reavaliação de Madalena é fundamental para além de “ o código da Vinci” ou qualquer outra empreitada comercial que use sua história. Ela mostra como as mulheres foram usadas e abafadas pelo cristianismo romano. Enquanto o cristianismo era uma religião perseguida e clandestina, seu espaço eram as catacumbas e as casas de família. O espaço interno, doméstico, era o espaço que a lei patriarcal do mediterrâneo havia assinalado para as mulheres. Depois, quando o cristianismo se torna a religião do público, a fé oficial do império romano. As velhas leis tem de ser reafirmadas e os ideais igualitários de antes são rapidamente distorcidos. O evangelho gnóstico de Maria Madalena é uma obra literária e histórica que nos permite reavaliar aquilo que pensávamos saber sobre o início da religião que mais marcou o ocidente.

-
- ⁱ KOESTER, Helmut (1977)- **Introdução ao evangelho de Tomé** in *The Nag-Hammadi Lybrary*, Nova Iorque, Harpercollins: 117
- ⁱⁱ PAGELS, Elaine (2006) *Os evangelhos Gnósticos*, Rio de Janeiro, Objetiva XVII
- ⁱⁱⁱ Vide EHRMAN, Bart D (2006). *O que Jesus disse, o que Jesus não disse*, São Paulo, Prestígio editorial
- ^{iv} O número de erros de grafia e gramaticais cometidos pelos escribas era tão grande que irritava alguns leitores como Plínio, o velho, que dizia que muitas vezes não ler uma obra por não agüentar o analfabetismo do copista. Vide SNODGRASS, Mary Ellen. (1988) *Notes on Roman classics* , Nebraska-USA, Cliffsnotes: 228
- ^v ORÍGENES (2004)- *Contra Celso* São Paulo, Paulus Editora
- ^{vi} *Apocalipse 22*, 18-19 in *Bíblia Sagrada tradução da CNBB* , São Paulo, Paulinas, 2002
- ^{vii} *Evangelho de Maria Madalena* in *The Nag Hammadi*...op cit : 532
- ^{viii} **The Nag**op cit :246
- ^{ix} Id. Ibd : 248
- ^x *Evangelho secreto de João* in **The Nag**...op cit : 352
- ^{xi} **The Nag**..op cit : 143 - Ialdabaoth tem origem hebraica e significa “vem cá menino!” Ou “menino!”
conf **The Nag**...op cit : xvi
- ^{xii} Em alguns relatos, por exemplo, Sophia era um ser andrógino, representando a completude, em outro ela não dá a luz a Zoe (vida) e em uma ainda, o demiurgo, IAWH, não é seu filho amado, mas uma tentativa de aborto que deu errado. Vide **The Nag**...op cit
- ^{xiii} **The nag** ...op cit :143
- ^{xiv} Trecho fundamental sobre o qual o papa e Roma estabelecem grande parte de sua autoridade e direitos. É uma passagem muito polêmica, pois só se encontra em um evangelista- Lucas- um dos últimos escritos e o mais próximo da tradição Paulina/Petrina. Alguns teólogos e pesquisadores chegam a sugerir que esta passagem, seria uma adição posterior de um escriba, feita exatamente para dar autoridade à ortodoxia nascente. Algo muito semelhante foi feito com relação às mulheres ao se forjar as cartas de I e II Timóteo, justificando posições misóginas adotadas pela ortodoxia. Vide Erman, Bart D- **O que Jesus Disse**...op cit
- ^{xv} Conforme STARBIRD, Margareth,(2005) *Maria Madalena- a noiva no exílio* , São paulo, Cultrix :73-78
- ^{xvi} “indício portador de suas referencias e valores inscritos nas diversas dimensoes do social...um acontecimento discursivo, no qual as várias leituras admissíveis sobre a fonte nos apontam para uma história possível dos indícios e não uma história impossível das evidencias.” SANT’ANA, Thiago.
Sorriam meninas! Vocês estão sendo fabricadas! A construção da diferença sexual na escolarização goiana do séc. XIX,pág 2
- ^{xvii} Segundo TORJESEN, Karen Jo .**When Women were priests**, San Francisco CA,Harper, 1995, pag 10
- ^{xviii} Id, Ibid pág 10
- ^{xix} Id, Ibid, pág 52
- ^{xx} Id, Ibid pág 154